

## A mulher bancária: doenças ocupacionais, profissão e família

### *Women as bank clerks: occupational diseases, profession and family*

Ana Flávia Cannes Balestreri Viegas\*

---

**Resumo:** Neste artigo, pretende-se demonstrar as transformações pelas quais a categoria bancária vem passando, bem como uma trajetória da mulher bancária, a qual vem sofrendo imensamente as consequências destas, pelo fato de querer conciliar família e profissão. O artigo traz também, para conhecimento, algumas considerações sobre as doenças ocupacionais, que são cada vez mais frequentes e temidas pelos bancários, e uma breve descrição do apoio prestado por parte do Sindbancários à categoria profissional.

**Palavras-chave:** Trabalhador bancário; Trabalho bancário; Doenças ocupacionais; Mulher bancária gaúcha; Sindicato dos Bancários de Porto Alegre

**Abstract:** This article aims to demonstrate transformations banking has been undergoing, as well as the story of women as bank clerks, who have suffered immensely from the consequences of those, particularly because of the need to manage family and work. Furthermore, it provides some considerations on occupational diseases, which are increasingly frequent and feared by the bank workers, including also a brief description of the support provided by the Sindbancários for this category of professionals.

**Keywords:** bank clerks; banking; occupational diseases; "gaucho" women as bank clerks; Sindicato dos Bancários de Porto Alegre.

---

\* Estudante de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Funcionária do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre - Departamento de Saúde.

## **Introdução**

O presente artigo é resultado do trabalho que venho desenvolvendo no Departamento de Saúde do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, desde Julho de 2007, onde estive em contato com inúmeros bancários e suas histórias, as quais ao mesmo tempo em que causavam indignação, surtiam um efeito de fascínio em minha pessoa.

São diversos casos, um novo a cada dia. A forma como cada profissional lida com o seu problema, com os seus medos, a desconfiança que apresentam no primeiro contato com as pessoas que trabalham no Departamento de Saúde...são fatos que aguçaram a minha curiosidade e me fizeram sempre conversar e querer saber mais sobre aquele bancário que estava sentado ali, bem na minha frente, carecendo de algum tipo de ajuda, informação ou, apenas, um conforto.

Sabemos que hoje a categoria bancária é uma das que mais sofre com as transformações que ocorrem em nossa sociedade. As demissões em massa, cobranças, alta incidência de adoecidos pelas condições de trabalho, são apenas algumas das características do trabalho bancário hoje. Por estes fatores, o trabalhador bancário vive de incertezas, nunca sabe o que o espera na empresa no dia de amanhã.

Está cada vez mais complicado conciliar família e profissão. Atualmente, aquele que labora em Banco ou em alguma empresa do tipo, vem desenvolvendo doenças que atrapalham sua vida pessoal e social. As mulheres vem adiando o desejo da maternidade e, as que optam por ter filhos, apesar da rotina pesada, acabam por desenvolver algum tipo de doença ocupacional, principalmente aquelas classificadas como Sofrimento Psíquico.

O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre normalmente é procurado pela categoria profissional quando esta já se encontra adoecida.

Por isso, há todo um trabalho que vem sendo desenvolvido na Instituição para que as doenças ocupacionais sejam evitadas, onde os bancários são alarmados dos riscos que o trabalho e o ambiente do mesmo apresentam e, dessa forma, conscientizando a categoria. Esta deve se unir, solidarizar-se e lutar por um espaço de trabalho mais adequado para todos.

Sobre estes temas, pretendo discorrer neste artigo, de maneira breve e descomplicada. Pretendo demonstrar o quão rica e interessante pode ser a categoria bancária, principalmente, para as mulheres que nela se inserem.

## **O trabalhador bancário e as doenças ocupacionais**

Ultimamente, através de todos os veículos de comunicação, bem como podemos presenciar os atos e protestos realizados com bastante frequência em nossa cidade, o trabalhador bancário vem lutando por diversos direitos que a categoria deveria gozar, mas que estão sendo postos de lado pelos banqueiros. Salários baixos, rotina de trabalho maçante, pressão por metas, chefia abusiva e autoritária, ambiente de trabalho em péssimas condições, demissões em grande escala, são apenas alguns dos exemplos que tomamos conhecimento no Sindicato do Bancários de Porto Alegre, por intermédio do Departamento de Saúde.

A organização do trabalho está cada vez mais deixando a desejar. O trabalhador bancário, hoje, mais parece um vendedor de produtos, está atribulado de funções e responsabilidades, as quais vem acompanhadas por exigências de metas – muitas inatingíveis! - e, ainda, sofre com a ausência ou insuficiência de pausas para descanso (as quais deveriam ser de 10 minutos a cada 50 minutos).

Devido a estes fatores, a categoria está desenvolvendo de maneira alarmante doenças ocupacionais. Do ano 2000 até os dias de hoje, no banco

de dados do FIEL SAÚDE (sistema utilizado para cadastro de informações de bancários no SindBancários), há cerca de 1700 CATS (Comunicação de Acidente de Trabalho) registradas no sistema do Sindicato, a maioria por LER/DORT<sup>1</sup>. Todavia, há cada ano, crescem mais os casos de Sofrimento Psíquico, doença que faz, muitas vezes, o bancário abrir mão da sua vida profissional, pois não consegue retornar ao ambiente de trabalho mesmo após um longo período de tratamento. Ainda, pode ocorrer o pior: o suicídio. Muitos não aguentam a pressão sofrida dentro das agências e acabam com a própria vida, visto que não conseguem, frequentemente, assumir que estão doentes e fazer um pedido de socorro.

Outro problema a que os bancários estão expostos é o grande número de assaltos que as agências vem sofrendo. E, muitos destes, vem acompanhados de sequestro. O trabalhador desenvolve um estresse pós-traumático, o qual atinge profundamente o seu estado emocional. Há, também, os assédios moral e sexual. No primeiro, é exercida uma tortura psicológica, uma violência moral, expondo repetitivamente e prolongadamente o bancário a situações humilhantes e constrangedoras. Acontece mais frequentemente com mulheres e pessoas que retornam ao trabalho após afastamento por doenças ocupacionais. O assédio sexual tem como a maioria de vítimas as mulheres. Os danos psíquicos levam à incapacidade laboral. As vítimas devem romper o silêncio e denunciar o assediador. O maior problema enfrentado pelos que sofrem estes tipos de assédio é encontrar colegas que aceitem testemunhar a seu favor, o que é praticamente inviável; já que, a maioria prefere não se impor, pois o risco de demissão torna-se grande. E num país onde as pessoas quase se “matam” por um emprego, “dar a cara a tapa” dessa forma é praticamente raro.

Conforme Jacéia Netz (2003, p.2):

A relação entre saúde e doença não é apenas de bom ou mau

---

<sup>1</sup> Lesões Por Esforços Repetitivos/ Distúrbios Osteo – musculares Relacionados ao Trabalho

funcionamento do corpo, mas uma interação muito mais ampla do homem com os ambientes (físicos e sociais) que o cercam, da sua maneira de relacionar-se com outros homens, da sua condição de trabalho (...). A coexistência deste duplo padrão<sup>2</sup> de produção se reflete no chamado duplo perfil de morbidade, onde antigas doenças profissionais (...) convivem com uma alta incidência de Lesões Por Esforços Repetitivos (...) sofrimento mental, depressão (...).

Há uma verdadeira epidemia de LER/DORT e Sofrimento Psíquico, assolando a categoria bancária, fazendo com que esta conviva com altos níveis de estresse e alta incidência de depressão (NETZ, 2003). Visando o aumento da produtividade e redução de custos, houve profundas mudanças na organização do processo de trabalho, as quais não transformaram só a vida das populações, mas também o mundo do trabalho.

## **A mulher bancária e a profissão**

A maior dificuldade que se tem para fazer um estudo sobre a mulher, não só no que diz respeito a sua inserção no mercado de trabalho, é sobre a sua “*invisibilidade e silenciamento*” (PETERSEN, 1999, p.28). Muitos autores tem salientado a invisibilidade imposta às mulheres ao longo da história, a quase inexistência de registros acerca do passado delas, o que se constitui num grande problema para os que se dedicam ao estudo deste gênero.

Os registros raros encontrados, na maioria das vezes, demonstram uma imagem não verídica das mulheres, pois “*ao longo da história as mulheres não tiveram voz para contar a sua trajetória e quando o fizeram,*

---

<sup>2</sup> A persistência de antigas formas de produção convivendo com as novas tecnologias e empresas globalizadas.

*falaram com voz e autoridade de empréstimo*” (PETERSEN, 1999, p.31).

O estudo das mulheres não acrescenta apenas novos temas, mas também torna a História completa. Com isto, o domínio que se tem do passado deixa de ser parcial.

Todavia, a partir das décadas de 1950-60, milhares de mulheres instituíram práticas transformadoras na sua vida, como o ingresso no mercado de trabalho e em cursos secundários e superiores, a conquista de novas legislações, entre outras. Estes avanços deram uma certa visibilidade às mulheres, fazendo com que a História não pudesse mais ignorá-las, a partir de então.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho foi marcada por muitas barreiras. Construções sociais, como o trabalho exercido pelas mulheres não ter nenhum valor, ainda persistem hoje, constituindo em diferenças no espaço e na remuneração do trabalho. A luta pela participação nos espaços sociais continua difícil para a mulher. A valorização do trabalho feminino ainda é uma luta constante.

Via de regra, a rotina da mulher é basicamente a de administrar a família, visando sempre o bem estar de todos os membros desta. Além das atividades como a limpeza da casa, a compra do que é necessário para o consumo da família diariamente, entre outras, a mulher é responsável também por “funções” que estão biologicamente predestinadas a ela, como a gravidez, parto, amamentação, além de atividades que são culturalmente impostas ou exclusivas ao sexo feminino, como o cuidado e a alimentação das crianças, por exemplo.

Contudo, a mulher vem contribuindo cada vez mais de forma assalariada no mercado de trabalho:

Mulheres trabalham porque são mulheres; gastam a sua força de trabalho no trabalho reprodutivo e doméstico (...) Mas mulheres também trabalham, enquanto trabalho assalariado e não apenas

enquanto mães e donas de casa; nesse caso – mas só aparentemente – não se distinguem dos homens (...) (PENA, 1980, p.11 apud PETERSEN, 1999, p.71)

A mulher ainda necessita lutar para quebrar as questões de gênero no que diz respeito ao trabalho. Sua mão de obra ainda é pouco valorizada. Ainda há uma distinção sexual do trabalho, fazendo com que o homem fique responsável pelo sustento da família e cabendo a mulher a realização das tarefas domésticas. Isto se dá também pelo fato de a própria mulher resistir ao ingresso no mercado de trabalho, pois se sente responsável pela manutenção da casa e criação dos filhos. Muitas veem o trabalho assalariado como “*subordinado e complementar*” (PETERSEN, 1999, p.76).

Ao longo das décadas, as mulheres foram inserindo-se, aos poucos, no setor bancário. Inicialmente, eram contratadas como datilógrafas e escriturárias e exerciam os trabalhos mais rotineiros. A medida em que as mudanças tecnológicas e organizações iam se aprofundando no setor bancário, ocorria um processo de “*feminização na força de trabalho nos bancos*” (SEGNINI,1994; JINKINGS,2002 apud DOS SANTOS, 2007). Na década de 80, representaram quase metade da categoria (47,5%). Porém, houve um declínio, no início dos anos 90, que se justifica pelo processo de reestruturação bancário, onde cargos julgados intermediários foram enxugados, e, justamente nestes, a presença feminina era forte.

Atualmente, há uma grande exigência na excelência do atendimento ao cliente, fator que levou a um aumento da participação da mão de obra feminina no setor bancário. A qualidade está cada vez mais sendo valorizada nestas empresas, por isso a mulher começa a ocupar um maior espaço dentro das agências bancárias. A partir de então, limitam-se os espaços na hierarquia e remuneração. As mulheres não mais exercem um papel secundário.

Todavia, apesar da ascensão do trabalho feminino, isto ainda não

refletiu em igualdade de remuneração. Apesar das mulheres não enfrentarem mais tantos preconceitos dentro das agências, como no início do seu ingresso no mundo do trabalho bancário, onde as relações de gênero eram bastante conflituosas, sua mão de obra ainda é desvalorizada.

Quanto à relação entre gêneros, numa pesquisa feita no final da década de 90, a respeito do trabalho da mulher bancária na década de 50<sup>3</sup>, diversas delas informaram que tinham uma boa relação com os homens que laboravam na mesma instituição. Uma relação respeitosa, como muitas enfatizaram. Contudo, nessa época, não existia um ideal de ascensão por parte das mulheres. Para os homens, elas eram “diferentes”. Eles não se sentiam ameaçados pela força de trabalho feminino, visto que as mulheres não disputavam com eles um lugar no mundo do trabalho.

Entretanto, no final da década de 60 e início dos anos 70, o quadro muda. As mulheres começaram a perceber as diferenças laborais que existiam nas instituições bancárias, no que diz respeito às relações de gênero, e passaram a lutar por uma igualdade dentro das empresas. Mesmo nos dias de hoje, após terem conquistado cargos elevados, que anteriormente eram só atribuídos à mão de obra masculina, as mulheres vem travando uma luta constante para receberem reconhecimento e respeito dentro das empresas. E, mais, têm se esforçado de todas as formas para conciliarem família e trabalho, o que é bastante complicado no mundo profissional de hoje.

## **As dificuldades enfrentadas pelas bancárias para conciliar carreira e família**

---

<sup>3</sup> PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no Banco: Trajetória das Mulheres Gaúchas Desde 1920*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.



Como já foi citado anteriormente, a mulher já nasce predestinada, para muitas culturas, a exercer a “profissão Do Lar”, como cuidar de casa e dos filhos. No entanto, este quadro está tomando rumos diferentes.

Muitas mulheres vêm abrindo mão das obrigações da casa e buscam se solidificar no mercado de trabalho, tanto para uma realização profissional quanto por necessidade. Apesar de muitas delas julgarem-se responsáveis pelas tarefas da casa, enfatizando que a atividade profissional é secundária, precisam enfrentar diversos desafios para conciliar o trabalho bancário com as obrigações junto à família.

A sociedade impõe que as mulheres têm como obrigação exclusiva cuidar dos filhos, enquanto os homens devem ser os responsáveis pela subsistência da família. Esta é uma das dificuldades encontradas pelo sexo feminino para alcançar uma ascensão profissional. Isto se deve ao fato de que a mulher não estaria dedicando a atenção necessária a sua família, o que gera um sentimento de culpa em muitas delas; por isso, optam, muitas vezes, por recusar algum tipo de trabalho na instituição que venha a tomar mais o seu tempo e a afastaria mais ainda da sua família.

Dito isso, entende-se o porquê das mulheres procurarem atividades em tempo parcial, que não exija tanto tempo e dedicação. *“É através da condição de esposa e de mãe que as mulheres se definem no mundo”* (PENA, p.15 apud PETERSEN, 1999, p. 241). As mulheres desligam-se do mundo do trabalho com muito mais facilidade do que os homens. Estas se identificam com o papel materno e os trabalhos domésticos, por isso sentem-se livres para não ter de enfrentar os perigos do mundo real.

No entanto, com todas as dificuldades e crises que o mundo vem enfrentando, todas as transformações familiares que temos acompanhado, muitas mulheres passam a ser as “chefes de família”, não podendo abrir mão do emprego, pois precisam atender às suas necessidades pessoais e de

sua família.

As transformações que ocorrem no mundo profissional refletem diretamente no trabalhador. É um intenso desemprego, uma terceirização e precarização do trabalho e intensificação do mesmo. Horas extras tornam-se rotineiras, o ritmo de trabalho é alucinante e o individualismo é estimulado constantemente. Como agüentar a pressão, sem que isso reflita na vida pessoal?

Em pesquisa realizada no final da década de 80<sup>4</sup>, 50,8% das mulheres bancárias já realizavam horas extras. Os bancos não costumavam cumprir a jornada prevista de 6 horas, o que, sem dúvida, não foi alterado atualmente – até intensificado. Além de receberem uma remuneração que não condiz pelo esforço, são expostas a ambiente de trabalho em péssimas condições, principalmente no que diz respeito a chefias autoritárias e excesso de trabalho.

Como estagiária do Departamento de Saúde do SindBancários, pude observar e participar de diversos atendimentos de bancárias que procuravam a instituição necessitando de ajuda. Muitos casos eram críticos, principalmente aqueles em que as bancárias tinham filhos pequenos e não conseguiam dar a atenção básica e necessária à criança.

Constatei que, na maioria dos casos, as mulheres apresentavam sofrimento psíquico. Estas situações muitas vezes me angustiavam. Mas o que me deixava aliviada é que elas procuravam o Sindicato, procuravam os seus direitos e quebravam o silêncio, o que é bastante complicado para os trabalhadores da categoria, tanto homens quanto mulheres. Estes temem uma retaliação por parte de suas chefias e seus colegas, porquanto muitos dos que se afastam são estigmatizados dentro das agências, postos de lado, ignorados, como se nem existissem mais, como se nunca tivessem se

---

<sup>4</sup> BASTANI, Roshângela; HANSEN, Ivonilda; PEDROSO, Elizabeth. Retrato da Mulher Bancária: trabalho, família e cidadania. Porto Alegre: FEEB- RS, 1988.

dedicado àquela empresa.

No que diz respeito às mulheres gestantes ou que estão amamentando, a Convenção Coletiva dos Bancários prevê estabilidade de 2 meses para a mulher bancária após a licença maternidade. Esta que está amamentando, tem o direito de sair mais cedo ou chegar mais tarde, até que a criança complete seis meses de idade. Gestante, em caso de aborto, tem 60 dias de estabilidade. Mesmo tendo conhecimento destas regulamentações, a chefia faz cobranças excessivas e assedia moralmente a profissional, que, muitas vezes, por estar fragilizada, não agüenta a pressão e acaba pedindo demissão. É justamente o que a chefia ambiciona, pois esta não vê mais a bancária produzindo como deveria, não trabalhando mais do que o necessário, não sendo a “máquina laboral” nas quais devem se transformar para a garantia do seu emprego...

Eu me pergunto agora, como ficará a situação da mulher bancária que terá filhos, com a aprovação da nova Lei da Licença Maternidade, que prevê seis meses de afastamento? Sabe-se que os dois meses a mais concedidos são opcionais e fica a critério da empresa, tanto pública quanto privada, aplicá-los ou não. E, caso esta Lei seja utilizada, deve beneficiar todas as funcionárias.

A Lei foi elaborada para corrigir a atual legislação brasileira, que estabelece, como bem sabemos, uma licença de quatro meses. Todavia, a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) é de que as mães devem amamentar seus filhos por, no mínimo, seis meses. Por isso o tempo da licença foi estendido. Será que as trabalhadoras bancárias conseguirão fazer valer o seu Direito como mães e profissionais, sem que isso reflita na sua saúde, sem que mexa com o seu emocional?

O que podemos constatar é que, a mulher bancária que opta por não abrir mão da carreira, que enfrenta todos os tipos de preconceitos e assédios dentro do banco, que consegue conciliar família, casa, entre outras

tarefas domésticas, é uma grande guerreira. Ter de acordar todos os dias sabendo o que vem pela frente, tendo que tirar coragem de onde nem mais se tem, para enfrentar uma rotina pesada dentro de uma agência bancária, é algo de se admirar em um ser humano. Ainda mais em um ser que sempre foi considerado um “sexo frágil”.

### **Sindicato dos bancários: uma “luz” para a categoria**

O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre é um órgão constituído, com duração indeterminada, para fins de defesa e representação legal da categoria profissional bancária. Através do Sindicato, os bancários buscam os seus direitos como profissionais e têm o apoio para enfrentar a realidade do mundo do trabalho bancário. Junto aos profissionais, a Instituição acredita e busca um ambiente de trabalho dignificante, uma transformação desta realidade que adoce e, muitas vezes, mata o trabalhador bancário.

O Sindbancários auxilia a categoria a desenvolver uma consciência crítica, no que diz respeito às causas de seu sofrimento e o resgate da solidariedade, num espaço onde o estímulo à competição entre colegas leva ao individualismo e à alienação (NETZ, 2003, p. 8). A instituição auxilia os bancários a afrontarem aquilo que os oprime, incentiva a categoria a não se omitir e que a melhor forma para acabar com os problemas de saúde que se alarmam dentro das agências é enfrentá-los coletivamente e conscientemente.

Para isso, foi criado o Grupo de Ação Solidária (GAS), onde, uma vez por semana, os bancários se reúnem e compartilham com seus colegas de profissão as represálias que sofrem dentro do banco. Dessa maneira, tomam consciência de diversos fatores, como as doenças ocupacionais e os acidentes não serem acontecimentos esporádicos, que devem ser

cuidadosamente observados e prevenidos.

As ações coletivas, sem dúvida, podem modificar o ambiente de trabalho. O trabalhador não deve se conformar com o sofrimento, ele necessita desenvolver laços de solidariedade com outros trabalhadores, indo contra o individualismo, destruindo esta fragmentação crescente.

Logo, o Sindicato é, muitas vezes, uma “luz” para os profissionais que acreditavam não ter mais soluções para os seus problemas cotidianos enfrentados nas agências bancárias. Muitos deixam de procurar a Instituição por preconceito, por medo, por não aceitarem que estão com algum tipo de doença ocupacional ou, simplesmente, por desconhecerem as ações que o Sindbancários vem desenvolvendo para acabar com a “sugação” dos bancários por parte dos banqueiros.

O objetivo desta Instituição é o trabalho decente, que faça com que as pessoas evoluam, que não atrapalhe sua vida pessoal, que não acarrete em sofrimento, que não cause traumas...enfim, que não seja um pesadelo, mas uma forma de subsistência. A luta será sempre constante. Todavia, não depende apenas dos Sindicato, mas dos trabalhadores que precisam quebrar o silêncio e denunciar as agressões, principalmente morais, as quais veem sendo submetidos.

## **Considerações finais**

Através deste artigo, busquei demonstrar um pouco do trabalho exercido no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, dando ênfase ao Departamento de Saúde. Os problemas enfrentados pelos bancários, as dificuldades das mulheres para conciliar família e carreira, as doenças ocupacionais que se alastram pela categoria e os próprios preconceitos pelos quais o profissional deve ultrapassar para chegar até à Instituição e

reconhecer que está doente, sem ter medo de sofrer represálias por parte dos colegas e chefias.

Procurei demonstrar, também, como a mulher se inseriu no setor bancário, como ainda possui uma mão de obra desvalorizada, apesar de trabalhar tanto quanto um empregado do sexo masculino, e a busca constante das mesmas por seus direitos como mães e profissionais.

Acredito que a categoria bancária deve estar em contato direto com o Sindicato dos Bancários, para que qualquer tipo de doença ou problema ocupacional seja evitado e não apenas “curado” após o seu desenvolvimento. É preciso envolvimento, engajamento, uma união entre os colegas de profissão para resistir e enfrentar os banqueiros e buscar um ambiente de trabalho que seja virtuoso e saudável, que faça bem para o corpo e para a mente, que mantenha o equilíbrio dos trabalhadores, fazendo com que diminuam os índices de adoecimento.

## Referências

BASTANI, Roshângela; HANSEN, Ivonilda; PEDROSO, Elizabeth. *Retrato da Mulher Bancária: trabalho, família e cidadania*. Porto Alegre: FEEB- RS, 1988.

DOS SANTOS, Eliana Maria. *Feminismo em Movimento, Reflexos na Luta das Bancárias* <<[>>](http://www.cut.org.br/content/view/2726/170/), acesso em 22/06/2009.

*Guia Saúde do Bancário*. Porto Alegre: SindBancários, 2006.

NETZ, Jacéia Aguilar. *As Políticas Sociais e a Saúde dos Trabalhadores*. Porto Alegre: 2003.

NETZ, Jacéia Aguilar. *As Transformações do Mundo do Trabalho e a Saúde dos Trabalhadores Bancários*. Porto Alegre: 2003.

PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no Banco: Trajetória das Mulheres Gaúchas Desde 1920*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

<<<http://www.tribunadosol.com.br/coluna-asp?id=455555&s=17>>>, acesso em 22/06/2009.

<<[http://sindbancarios.locaweb.com.br/site2007/cms/php/site\\_monta\\_internas.php?id=4&area=quem\\_somos&tabela=site\\_sindicatos](http://sindbancarios.locaweb.com.br/site2007/cms/php/site_monta_internas.php?id=4&area=quem_somos&tabela=site_sindicatos)>>, acesso em 23/06/2009.